

teatroviriato

DANÇA
22 OUT'16

OS SERRENHOS DO CALDEIRÃO,
EXERCÍCIOS EM ANTROPOLOGIA
FICCIONAL

DE VERA MANTERO | O RUMO DO FUMO

70 min.

m/ 12 anos

Conceção e interpretação

Vera Mantero

Banda sonora e luz Hugo Coelho e Vera Mantero

Captura de imagens e elaboração de guião para o vídeo Vera Mantero

Montagem vídeo Hugo Coelho

Excertos vídeo da Filmografia

Completa de Michel Giacometti Salir (Serra do Caldeirão), Cava da Manta (Coimbra), Dornelas (Coimbra), Teixoso (Covilhã), Manhouce (Viseu), Córdova de S. Pedro Paus (Viseu) e Portimão (Algarve)

Excertos de textos de Antonin Artaud, Eduardo Viveiros de Castro, Jacques Prévert e Vera Mantero

Residências artísticas Centro de Experimentação Artística - Lugar Comum/Fábrica da Pólvora de Barcarena/Câmara Municipal de Oeiras e DeVIR/CaPA, Faro

Coprodução DeVIR/CaPA

Produção O Rumo do Fumo

Agradecimento Editora Tradisom

Este projeto foi uma encomenda dos Encontros do DeVIR da DeVIR/CaPA

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes

Fotografias Luís da Cruz

OS SERRENHOS DO CALDEIRÃO, EXERCÍCIOS EM ANTROPOLOGIA FICCIONAL

de VERA MANTERO
O RUMO DO FUMO

este trabalho foi elaborado no âmbito do Festival Encontros do Devir, da DeVIR, em torno da desertificação/deshumanização da Serra do Caldeirão, no Algarve. uma das condições propostas por esta encomenda era utilizar imagens vídeo, feitas por mim, que teria que ir filmar à Serra. filmei sim. e



usei sim. mas também recorri muito às recolhas em filme do Michel Giacometti, sobretudo aquelas que ele fez em torno das canções de trabalho.

toda a peça é povoada de vozes que vêm de longe.

os tradicionais "ferrinhos" são usados para reproduzir o som do silêncio, o som da serra. eu reproduzo algumas das canções trazidas até nós pelo Giacometti, cantando "para" os atuais trabalhadores rurais, retomando tradições perdidas, tentando re-ativá-las. e não é só de música que se trata, é também da palavra e da terra; a palavra de um Antonin Artaud em combustão, de um Prévert martelado em jeito de poesia sonora (as suas palavras sobre ruínas combinando magicamente com as imagens das ruínas que encontrei na Serra). o todo acaba por ser um forte olhar sobre a preciosa recolha do Giacometti. e é também um olhar sobre práticas de vida tradicionais e rurais em geral, conhecimentos das culturas orais de norte a sul do país, e não só: também as de outros continentes, que nesta peça são trazidos com Eduardo Viveiros de Castro e a referência aos índios da América do Sul (que miraculosamente todos os espectadores acreditam ser os Serrenhos do Caldeirão...!). com este "retrato alargado" dos Serrenhos do Caldeirão eu falo nesta peça de povos que possuem uma sabedoria que perdemos. uma sabedoria na ligação entre corpo e espírito, entre quotidiano e arte. mas uma sabedoria que podemos (e devemos, para nosso bem) reativar. toda a minha dança final, com o meu precioso tronco (de cortiça), remete para isso.



[adenda do vídeo 2 da visita à serra:

“mas Miguel [Vieira, da Associação Florestal da Serra do Caldeirão], diz-me lá, para além das barragens para reter a água, o que é que era importante fazer aqui?”

“olha, parece-me importante... [fica a pensar]... pppvvv [som com os lábios]... que o Estado diga aos proprietários dos terrenos o seguinte: “Meus amigos, ou o vosso terreno começa a produzir alguma coisa ou nós tomamos posse dele”.

[olha para mim em silêncio com ar de quem pergunta se estou a perceber].

“Tás a ver a ideia?”.

“Tou”].

Vera Mantero

SOBRE OS SERRENHOS DO CALDEIRÃO, EXERCÍCIOS EM ANTROPOLOGIA FICCIONAL

Convidada pelos Encontros DeVIR/CaPA, de Faro, a bailarina e coreógrafa Vera Mantero foi à Serra do Caldeirão. O Resultado dessa viagem “etnológica” é uma peça – um solo multimédia, onde convergem várias artes – apresentada a semana passada em Lisboa, no Centro Cultural de Belém, (antes apresentada em Évora), chamada Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional. Quem teve a ideia extravagante de fazer tal convite? Que faz uma bailarina na Serra do Caldeirão? Tudo menos dançar, certamente, pois tudo aí é imobilidade, já não há ninguém e só se ouve o silêncio: o bailarino que deixa de ouvir a música não pode continuar a dançar, ou então faz movimentos grotescos. É verdade que na dança contemporânea a música pode ser o puro ruído, ou ser apenas música implícita. Mas o silêncio da serra é outra coisa: é a suspensão de todo o movimento humano. Por isso, a peça acaba por ser muito mais um poema – um poema como os de Artaud, “um homem que, como diria Herberto Helder, tinha as correntes da terra ligadas às correntes do poema”, diz Vera -, já que a poesia tem um pacto antigo com o silêncio. Não entendamos, por poesia, aquela coisa enfática e decorativa que faz as delícias das almas sensíveis, sempre à beira da exclamação patética, mas a palavra que recebe e transmite vibrações extremas, “as correntes da terra”. Se quisermos, o solo da Vera também pode ser um romance, uma ficção antropológica (“antropologia ficcional”, chamou-lhe ela, convidando o espectador a não acreditar em tudo o que ouve). O que não pode ser é um trabalho etnográfico, segundo o consabido modelo da viagem ao país dos diferentes ou até dos arquétipos, por mais que utilize material vídeo e áudio do arquivo de Michel Giacometti. Seja o que for – poema, romance, ensaio ou imaginação antropológica sob a forma de um solo de dança que de dança tem muito pouco –, é uma obra que resulta num diagnóstico político e cultural de vasto alcance. Ela mostra-nos que um problema poético pode ter um valor epistémico e viceversa. E mostra também, no confronto com a “festa” dos diferentes – os serrenhos – que houve um tempo em que a palavra que canta e celebra era a mesma que a palavra que faz, que realiza. E essa palavra traçava um círculo mágico, no interior do qual tudo é muito mais dado à alegria do que à melancolia. Ninguém hoje quereria certamente voltar à vida antiga da Serra do Caldeirão (onde quer que ela se situe, na etnografia fantasiosa de Vera Mantero) nem os seus pressupostos sociais, culturais e materiais. Mas a peça faz-nos sentir que nós, homens modernos, perdemos os nossos gestos, como disse um filósofo. Os gestos mais simples e quotidianos tornaram-se estranhos ou foram absorvidos por uma máquina negativa. Vera Mantero foi à Serra do Caldeirão não para fazer espionagem antropológica, mas para nos mostrar os gestos que perdemos, para nos dizer que a festa antiga acabou e que, mesmo que não tenhamos vontade nem poder de restaurá-la, ela persiste, na vida póstuma, como um

vazio, uma negatividade. E isto, que um competente analista dirá que é esquizofrenia, tem uma dimensão trágica. É dessa tragédia que fala a peça. O silêncio total que Vera encontrou na Serra outrora habitada é o índice da tragédia da bailarina que tem de continuar a dançar quando já não há música nem festa e que, por isso, se agarra um tronco oco de cortiça, isto é, um corpo sem órgãos, para representar um corpo coextensivo à natureza, o corpo intensivo e imanente do Homem Árvore, o poema de Artaud que Vera recita no palco.

in Público – Ípsilon Crónica Estação Meteorológica 13 de dezembro de 2013 – António Guerreiro

VERA MANTERO

Estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Começou a sua carreira coreográfica em 1987 e, desde 1991, tem mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura.

Dos seus trabalhos destacam-se os solos *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* (1991), *Olympia* (1993), *uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings** (1996), *O que podemos dizer do Pierre* (2011), *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional* (2012) e *Salário Máximo* (2014), e as peças de grupo *Sob* (1993), *Para Enfastiadas e Profundas Tristezas* (1994), *Poesia e Selvajaria* (1998), *Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza* (2006), *Vamos sentir falta de tudo aquilo de que não precisamos* (2009) e *SUB-REPTÍCIO [corpo clandestino]* (2012). A cocriação da artista com o escultor Rui Chafes, *Comer o Coração*, constituiu a representação oficial de Portugal na 26ª *Bienal de Arte de São Paulo* (2004).

Em 2013 e 2014 criou as instalações performativas *Oferecem-se Sombras* e *Mais Pra Menos Que Pra Mais*, esta última uma parceria entre a Culturgest e o Maria Matos Teatro Municipal (no âmbito do projeto Create to Connect, financiado pela Comissão Europeia). Estes projetos, bem como a nova criação *O Limpo* e *o Sujo*, estreada no Teatro Maria Matos em abril de 2016, no âmbito do ciclo *As Três Ecologias*, que Vera Mantero comissariou com Mark Deputter e Liliana Coutinho, posicionam-se de forma clara relativamente a temas e preocupações fulcrais da atualidade: questões de sustentabilidade ambiental e económica, de coesão social e inclusão, de Cidadania.

A cidade do Fundão dedicou um ano à artista (abril 2015 – abril 2016), com um projeto intitulado *Passagem #2*, que inclui a apresentação de vários espetáculos, o trabalho com alunos de várias escolas locais e a recriação de *Comer o Coração* para o circuito de arborismo do Parque do Convento, no Fundão. A nova versão, designada *Comer o Coração nas Árvores*, apresentada em 2016, no Jardim da Sereia em Coimbra, para a qual Rui Chafes preparou uma nova escultura.

Integra, desde 2014, o elenco da versão portuguesa de *Quizoola!*, de Tim Etchells/Forced Entertainment, ao lado de Jorge Andrade e Pedro Penim. Mais recentemente, foi convidada por Boris Charmatz para integrar *20 Dancers for the XX Century*, um arquivo vivo dos solos coreográficos mais representativos do século XX, que teve lugar na Tate Modern (Londres) e na Opéra de Paris/Palais Garnier (Paris) em 2015, no Tanzkongress na Staatsoper (Hannover) e no Museo Reina Sofía (Madrid), em 2016, e no qual participa com alguns dos seus solos dos anos 90. Colabora regularmente em projetos internacionais de improvisação, ao lado de improvisadores e coreógrafos como Lisa Nelson, Mark Tompkins, Meg Stuart e Steve Paxton.

Desde 2000 dedica-se igualmente ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental.

Leciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

Para mim a dança não é um dado adquirido. Acredito que quanto menos o adquirir mais próxima estarei dela. Uso a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessito de perceber. Deixei de ver sentido num performer especializado numa disciplina (um bailarino ou um ator ou um cantor ou um músico) e passei a ver sentido num performer especializado no todo. A vida é um fenómeno terrivelmente complicado e rico e vejo o trabalho que faço como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o meu e o dos outros, luta que considero essencial agora e sempre.




Vivace Dão • Quinta do Perdigoão • **Sostenuto** Abyss & Habidecor • **Allegro** BMC CAR • Quinta das Marias • Tipografia Beira Alta • **Moderato** Família Caldeira Pessanha • Ladeira da Santa • Que Viso Eu? • Quinta da Fata • UDACA • **Andante** Farmácia Avenida • Grupo de Amigos do Museu Nacional Grão Vasco • **Adágio** Ana Maria Albuquerque Sousa • Ana Maria Ferreira de Carvalho • Ana Paula Ramos Rebelo • António Cândido Rocha Guerra Ferreira • Benigno Rodrigues • Cláudia Saraiva • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda. • Eduardo Melo e Ana Andrade • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Figueiredo Augusto • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Geraldine de Lemos • Isaias Gomes Pinto • João José Garcia da Fonseca e Maria José Agra Regala da Fonseca • José Gomes • José Luís Abrantes • Júlio da Fonseca Fernandes • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Lurdes Poças • Maria Isabel Oliveira • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Paula Nelas • Raquel Balsa • Raul Albuquerque e Vitória Espada • Ricardo Jorge Brazete e Silva e Maria da Conceição e Silva • **Júnior** Beatriz Afonso Delgado • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Maria Carolina Martins • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa • Rafael Cunha Ferreira • **E outros que optaram pelo anonimato.**

MECENAS



APOIO À DIVULGAÇÃO



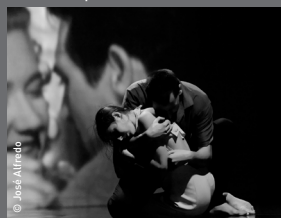
Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Sandra Correia *Assessora Administrativa e Financeira* • Raquel Marcos *Assistente de Direção* • Maria João Rochete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos e Pedro Teixeira *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues *Técnica de Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Electricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Coordenação Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** Ana Rilho, André Rodrigues, Bruna Pereira, Bruno Marques, Carla Silva, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Franciane Maas, Francisco Pereira, Joana Rita, Joel Fernandes, João Almeida, Lucas Daniel, Luís Sousa, Neuza Seabra, Roberto Terra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral, Sara Cerdeira, Soraia Fonseca e Vania Silva • **Colaboração Técnica** 

teatroviriato

estrutura
financiada por:



Próximo espetáculo



DANÇA
26 a 28 OUT

CECI N'EST PAS UN FILM DUETO PARA MAÇÃ E OVO

de PAULO RIBEIRO | COMPANHIA PAULO RIBEIRO

60 min.

qua 10h00 | qui 10h00 e 15h00 | público-alvo Ensino Secundário | preço único 1,50€

sex 21h30 | m/ 6 anos

preço A: 10€ [plateia e camarotes]/ 7,50€ [frisas frontais]/ 5€ [frisas laterais]

// descontos aplicáveis // ESPAÇO CRIANÇA DISPONÍVEL